

D. A. de Sequeira

Nunca Portugal foi, por muitas e diversas circunstancias, a terra mais propicia aos cultores das boas artes.

Guerreiros intrepidos e indomaveis, navegadores intelligentes e ousados os nossos antepassados, na quadra de maior esplendor nacional, pouco, em geral, curavam de artes e de industria; se não menosprezavam inteiramente o pincel e o escopro, mais lhes aprasiam a espada e a lança, a agulha de marear e o oitante. Veiu depois, com a tremenda catastrophe de Alcacerkibir, a sujeição ao ominoso jugo de Castella; as vicissitudes subsequentes e a successão de governos, ou tyrannicos, ou destituidos de iniciativa, geraram esse abatimento moral, essa insidiosa doença de que está enferma a nossa sociedade, matando á nascença toda a inspiração.

É por isto sem duvida, que offerecendo os nossos fastos uma tão larga pleiade de capitães famosos, de nautas experimentados e instruidos e de sabios illustres até, não podêmos, força é confessal-o, apresentar avultado catalogo de esculptores, de pintores e de architectos que realmente mereçam este nome.

Houve, é certo, epochas, em que taes artistas tiveram mais favoravel ensejo de manifestar talento e habilidade; são excepções brilhantes, que estamos bem longe de querer dissimular: lembram com saudade e gratidão, um D. Manoel, que, a despeito dos cuidados das conquistas, amava e sabia proteger as artes e os que as exerciam com distincção; um D. João v, monarcha magnanimo, a quem temos fé que ainda um dia, á vista de documentos authenticos, se ha de fazer mais justiça do que até aqui; uma D. Maria i, cujo nome está ligado á fundação de tantos estabelecimentos scientificos e litterarios; e finalmente cremos que todos os portuguezes tem bem presente ao coração a imagem sympathica do principe generoso, a quem principal e quasi exclusivamente se deve hoje não terem morrido á mingua ou desmaiado de todo os poucos, mas auspiciosos artistas que possuimos.

Mas isto não basta; quando um povo contempla, se não com desprezo, indifferente, as mais aprimoradas creações da imaginação; quando reputa no mesmo valor uma pintura do Vieira Lusitano e uma

imitação da lithographia Lemercier; quando aprecia mais um *bronze* das fabricas de Paris, do que uma esculptura de Machado de Castro, não ha Mecenas que valham, nem escholas que sirvam, porque n'esse povo não existe o sentimento do bello.

Assim muitos talentos artisticos, que poderiam quiçá hombrear com os primeiros engenhos, por falta de animação e auxilio, apenas despontam, e cansados em breve de uma lucta esteril, illuminando o horisonte da arte de fugitivos clarões, esmorecem e morrem sem legar cousa que devéras os honre e á patria que foi para elles severa madrasta em vez de mãe carinhosa.

A Domingos Antonio de Sequeira, por fortuna, não succedeu porém o mesmo; revelando-se em circunstancias menos desfavoraveis, mereceu o mais alto favor da corte, e pôde seguir os impulsos de uma vocação decidida, deixando á admiração da posteridade monumentos que o collocam na primeira plana dos pintores contemporaneos.

Nasceu Domingos Antonio de Sequeira, em Belem, elegante suburbio de Lisboa, actualmente convertido em cabeça de um populoso concelho, a 10 de março de 1768. Seus honrados paes, posto que de humilde condição, e pouco abastados, esmeraram-se na cuidadosa educação que lhe deram.

Desde os primeiros annos mostrou Sequeira irresistivel inclinação para a pintura; seus paes, longe de o contrariarem em seus desejos, procuraram afervoral-o no empenho de se dedicar ás artes liberaes, e n'este intuito, creada a eschola especial de desenho, alli o matricularam.

De feito, durante os cinco annos que cursou esta eschola, de 1781 a 1786, Sequeira justificou todas as esperanças que fizera nascer, alcançando, sem favor nem empenhos, os primeiros premios.

Passou pouco depois a praticar em casa de Francisco de Setubal, pintor de mediocre merecimento, ajudando-o na execução de alguns tectos no palacio de um opulento cordoeiro, por nome João Ferreira.

Já então Sequeira anciava por ver e estudar os grandes modelos; visitar Roma, o grande emporio das artes, era o mais ardente desejo do nosso illustre conterraneo. A protecção do marquez de Marialva alcançou-lhe do governo uma pensão de 300:000 rs.; e Sequeira, cheio de confiança no futuro, porque estava conscio do que valia, partiu para a famosa capital, aonde chegou em 1788, escolhendo por mestres Cavallucci e la Picola. Tres annos depois, em 1791, obtinha o primeiro premio da academia de S. Lucas: o assumpto proposto á emulação dos artistas fôra o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.

Em 1794 era admittido como academico emerito, apresentando por esta occasião o excellente quadro da *Degollação de S. João Baptista*.

Por mais alguns annos ainda, viveu Sequeira em diversas cidades da Italia, frequentando as ricas collecções e museus que existem n'aquelle paiz, estudando os melhores exemplares, e trabalhando assiduamente; em 1796 regressou porém á patria, d'onde estivera apartado mais de oito annos.

Floresciam então em Lisboa Pedro Alexandrino e Cyrillo Wolkmar Machado; travou Sequeira com elles relações de estreita amizade, propondo-lhes a final formarem uma especie de liga, com o fim de levantar a arte do abatimento e decadencia em que jazia, apesar dos esforços e incontestavel engenho d'aquelles dois mui estimados pintores.

Desapontado, porém, do desamor e indifferença geraes, estimulado no seu amor proprio por se lhe taxar de excessivo o preço, aliás moderado, que fixára a varios quadros que lhe eram encommendados pelo conde de Valle de Reis, tomou-o um tal accesso de melancholia, que se abalou da capital, indo sumir o seu desespero e desanimo no ermo da serra do Bussaco, chegando até a entrar no noviciado da estreita ordem que n'aquella romantica serra possuia um convento.

Perder-se-hia talvez para sempre, nas austeridades do claustro, este tão excellente artista, se D. Rodrigo de Sousa Coutinho, informado da deploravel resolução de Sequeira, não intercedesse com muita instancia em seu favor perante o principe regente, o qual, por decreto de 28 de junho de 1802, o nomeou primeiro pintor da camara, com bons honorarios, e a obrigação de dirigir e executar, conjunctamente com Francisco Vieira Portuense, a maior parte das pinturas do novo palacio de Nossa Senhora da Ajuda.

Em setembro de 1803 foi nomeado mestre da princeza D. Maria Theresa, e condecorado com o habito de Christo, com a regalia de sege effectiva do paço.

Em 1814, concluida a paz, foi Domingos Antonio de Sequeira encarregado pela regencia de desenhar e dirigir a factura da magnifica baixella offerecida ao duque de Wellington: o modo por que elle se desempenhou d'esta incumbencia, abonou ainda uma vez o seu delicado gosto, diligencia e probidade.

Enthusiasta sincero, abraçou Sequeira com fervor as idéas liberaes proclamadas em 24 de agosto de 1820: a reacção não tardou, porém, com todas as suas imprudencias; e o artista, receiando ser perseguido ou mal visto do governo oriundo do movimento absolutista, pediu os seus passaportes, e os alcançou, indo o fallecido duque de Palmella, que se encarregára de lh'os sollicitar, levar-lh'os pessoalmente a casa.

Partindo para Paris, em 7 de setembro de 1823, n'aquella cidade continuou a trabalhar com assiduidade, colhendo virentes louros a cada nova composição.

São d'esse tempo o quadro da *Morte de Camões*, o da *Fugida do Egypto*, e os primorosos retratos do visconde e viscondessa da Pedra Branca e seus dois filhos.

Todos estes quadros existem, segundo consta, no Brazil, tendo o primeiro, que figurou com geral applauso na exposição do Louvre, sido offerecido por Sequeira ao imperador D. Pedro I, que o agraciou por esse motivo com o habito da ordem do Cruzeiro.

Em Paris se demorou Sequeira até 26 de setembro de 1826, dirigindo-se n'este anno a Roma, aonde chegou a 1 de novembro do mesmo anno.

Os dez annos e meio que passou na capital do orbe catholico foram os ultimos da sua vida, e por ventura os mais bem aproveitados no estudo, e os mais gloriosos para Sequeira.

Além de muitos desenhos e retratos que lhe eram pedidos com instancia, e até importunidade, executou o nosso artista em Roma não menos de quatorze quadros, que mencionâmos em seguida, dos quaes os quatro ultimos, que só de per si fariam a reputação de qualquer pintor, elevaram Sequeira no conceito e estimação dos entendidos á categoria de um talento de primeira ordem.

Eis a relação dos quatorze quadros referidos.

O Baptismo do Salvador, e a Crucifixão do Christo, pertencentes ao duque de Braciano. *A Fé*, propriedade da grão-duqueza Helena, existente em S. Petersburgo; *a Santa Veronica*, encommendado para um convento de Roma; *o Caminho da Cruz*, que está na igreja da Paz em Roma; *a Sacra Familia; a Virgem; o Anjo Rafael e Tobias, pae e filho; o Santo Antonio prégando aos peixinhos, e o Salvador*, que pertencem ao cavalheiro Migueis; *o Calvario*, executado em Castello-Gandolfo, no curto espaço de tres mezes, no verão de 1827; *a Adoração dos Magos*, egualmente executado em tres mezes, durante

o verão de 1828. A *Ascensão e o Juizo Universal* foram começados e pintados quando o grande pintor já se achava gravemente enfermo da doença que o levou ao sepulchro, entregando a alma ao creador no dia 7 de março de 1837, quando lhe faltavam apenas tres dias para completar 69 annos de edade.

Além das composições que apontámos n'esta breve noticia, consta-nos que na quinta das *Aguas Ferreas*, no Porto, existe um esboceto de Sequeira representando *o Christo* sobre os joelhos da Virgem e Santa Maria Magdalena; o sr. João Baptista Ribeiro, do Porto tambem, possue alguns esquiços a oleo muito valiosos. Na galeria da casa dos srs. duques de Palmella, além dos quatro grandes quadros: *o Calvario, a Adoração dos Magos, a Ascensão e o Juizo Universal*, que foram comprados pelo fallecido duque em Roma, no anno de 1845, ha mais duas bellas composiçõesinhas de Sequeira, representando uma *Susanna saindo do banho*, a outra *Loth* deitado, e nú até á cintura com as duas filhas ao lado.

Nas academias das bellas artes de Lisboa e Porto, em casa do conde de Farrobo, na da condessa da Anadia e outras existem, ou existiram, obras de Domingos Antonio de Sequeira, de mais ou menos valor.

Já se vê, pois, que Sequeira não foi só excellente, mas tambem fecundissimo pintor.

Caberia aqui talvez fazer o juizo critico sobre os diversos e variados trabalhos d'este nosso compatriota; mas nem nos julgâmos competente para tratar ex professo de similhante materia, nem o logar nos parece apropriado; e por isso nos limitaremos a dizer que Sequeira não foi isento de emulos nem de invejosos; houve mesmo quem, sem ser movido de tão baixos sentimentos, notasse em algumas composições de Sequeira pequenos defeitos; alguns o censuraram tambem por não seguir a *maneira* dos bons auctores, procurando uma originalidade a que, segundo aquelles criticos, não podia aspirar. É possivel que algum d'estes reparos fosse razoavel; mas a censura emmudeceu para começar, unanime e espontanea, a admiração ao apparecerem os quatro quadros que possue a casa dos srs. duques de Palmella, os quaes já tivemos a satisfação de examinar em varias exposições.

De feito, os quadros a que nos referimos são obra a todos os respeitos portentosa; a composição, o desenho, o colorido, o profundo sentimento religioso de que estão repassados são inimitaveis; e o proprio conde de Rackzynski, intelligente apreciador das cousas da arte, tendo tratado Sequeira com alguma severidade por causa de outros trabalhos, que não lhe pareceram tão dignos do seu delicado pincel, depois de dedicar á analyse dos quatro alludidos quadros algumas paginas do seu *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, Paris 1847, que não reproduzimos aqui por evitar prolixidade, exclama a final:

«Eu tornei-me enthusiasta de Sequeira... talvez de mais. O facto é que estes quatro quadros causaram-me a mais profunda admiração!»

Quem tem lido as obras do conde de Rackzynski, ou quem conheceu e tratou este curioso investigador das nossas riquezas artisticas, sabe que um tal elogio basta para a gloria do nosso compatriota. (1)

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO.

(Continuado de pag. 76).

É com a somma abonada por Sancy que o prior do Crato deixa a Rochella e parte para Inglaterra. Por occasião das primeiras tentativas de Nantes, tinha-o o conde de Leicester, em nome da sua soberana, convidado a ir residir n'aquelle reino — «se é que suspeitaes (lhe dizia em carta de 24 de maio) que vossa pessoa corre ahi perigo.» (1)

Passando ao outro lado do canal, D. Antonio não só procurava pôr em melhor recado a sua vida ameaçada, mas tambem pedir a Isabel os soccorros desde tanto tempo promettidos contra o inimigo commum.

O acolhimento que a rainha lhe fez não podia ser mais cordial. As festas que lhe deu foram brilhantes. (2) Entretanto a respeito do negocio principal, se lhe renovou as mais calorosas protestações, não se apressou em declarar que lhe preparava soccorros.

Pelo mesmo tempo um florentino, chamado Rugiero, que em Paris era creatura do cardeal de Lorrena, e da rainha-mãe Catharina de Médicis, andando secretamente com o abbade Guadagni, saíra d'alli para Londres, aonde chegára mui em segredo, dizendo que ia visitar D. Antonio. Rugiero era conhecido como destro intrigante. Com que fim procurava o prior? Iria da parte de Catharina? A entrada que tinha em casa do novo embaixador francez na corte de Isabel; a sua partida d'alli em 30 de setembro (1585) com a mulher do mesmo embaixador; não parecem estar dizendo que a pessoa, e talvez o objecto da missão, tinham um não sei que de apresentação official?

Comtudo, D. Antonio não o recebeu.

Tudo isto foi parte para que Horacio Pallavicino, que seguira todo este fio, parecesse suspeitar d'elle, e participasse o occorrido em carta escripta em italiano, datada de Londres a 30 de setembro (no mesmo dia em que Rugiero devia partir) ao secretario d'estado Francis Walsingham, para que o transmittisse á rainha. (3)

Quem sabe se, cançado e suspeitoso de tão repetidas e traiçoeiras tentativas, a circunstancia de Rugiero ser italiano fosse motivo para o prior o não admittir á sua presença, nem lhe dar credito, se com effeito ia encarregado de algum negocio da corte de França?

Não era impossivel que o florentino tivesse procurado entrar em Londres com o maior recato, e communicar a D. Antonio noticias de Catharina. A rainha-mãe via com ciume a preferencia que o pretendente portuguez dava ao territorio inglez para seu asylo, e temia que por isso mesmo Isabel a supplantasse, annullando-lhe a influencia que até alli tivera no animo e causa do proscripto.

A Inglaterra pareceu em fim querer começar a collaborar mais abertamente na questão portugueza. Não só continuava as promessas de ajudas materiaes, mas tambem auxiliava a exposição dos direitos de D. Antonio. Do segundo meio deu, ainda não ha muito, noticia o barão de Reiffenberg, na sua memoria *Coup d'œil sur les relations qui ont existé jadis entre la Belgique et le Portugal*. (4) Eis o theor do paragrapho que alli se lê a p. 70-71:

«O embaixador do serenissimo D. Antonio, rei de Portugal.... (que era assim que elle se qualificava) mandou fazer um pequeno tratado em latim, francez e allemão, para o que obteve um privilegio do conde Mauricio de Nassau, e do conselheiro d'estado das Provincias-Unidas, e do qual o texto latino appareceu com este titulo *Explanatio veri ac legitimi juris, quo serenissimus Lusitaniæ rex Antonius, ejus nominis primus, nititur, ad bellum Philippo regi Castellæ, pro regni recuperatione inferendum. Una cum historica quadam enarratione rerum eo nomine ges-*

(1) Veja *Les Arts en Portugal* e o *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal* par le comte A. Rackzynski.

(1) *Briefve* etc., 59-60 — *Quad. elem.* XVI, 191.
(2) *Briefve* etc., 13-14.
(3) Mss. do Museu britannico, *bibl. Cotton.*, Nero, B. I, f. 263 bis. — Figanière, *Catalogo*, 98 — *Quad. elem.* XVI, 191-192.
(4) Vem nas *Nouveaux mémoires de l'Academie royale des Sciences et Belles-Lettres de Bruxelles*, XIV, anno 1841.

tarum usque ad annum MDLXXXIII. *Ex mandato et ordine superiorum, Lugd. Bat. in typogr. Christ. Plantini*, 1585, in 4.º, 79 paginas, com um quadro genealogico onde o artigo do pae de D. Antonio é o seguinte: *Ludovicum qui clandestinas contraxit nuptias cum Jolenta ex quibus progenitus est Antonius.* »

Será esta obrinha, este tratado aquelle a que allude Claudio Desauliens, chamado Holleyband, na carta que em francez escreveu em 6 de novembro, desculpando-se com o ministro inglez, provavelmente Walsingham « por lhe não ter remettido o primeiro exemplar do seu livro, em que demonstrava os direitos de D. Antonio ao throno de Portugal, obra publicada com licença do mesmo ministro? » (1)

Com receio dos resultados d'aquella intimidade politica em Londres, procurava Catharina de Médicis com grande empenho attrahir de novo o prior a residir em França. A isso fôra por ventura mandado Rugiero de Paris a Londres; e já por intermedio do embaixador na corte ingleza, M. de Chateauneuf, fizera a rainha constar ao prior o pesar que tivera dos damnos que lhe haviam feito os levantamentos que em França tinha havido, não obstante as providencias que da parte d'ella e de seu filho Henrique III foram dadas a tal respeito. Incessante no seu empenho, Catharina não se contentou com estes primeiros passos, e ainda para o mesmo fim lhe expediu o capitão Pradin, com carta de 2 de dezembro. Reiterando a D. Antonio os mesmos protestos de interesse e amizade, assegura-lhe que estava em França tudo disposto para recebel-o; acrescentando, como para tocar a corda mais sensivel d'aquelle peito, e vencel-o com seducção irresistivel, que o rei, seu filho, desejava summamente dar-lhe todos os meios para o restituir ao throno de Portugal. (2)

Para D. Antonio resistir ao convite de Catharina e sustentar a ultima preferencia, grandes deviam ser as razões que tinha. Anteveria no governo inglez melhores e mais claras disposições para o soccorrer? Lembrar-lhe-hiam os successos de Nantes, e da Rochella? Temeria vêl-os irremediavelmente renovados, tornando a expor-se a perigos e traições de que já mais de uma vez escapára quasi milagrosamente, sem haver protecção que lhe valesse, nem segurança que o escudasse?

O facto é que não acquiesceu ao convite da França e permaneceu em Londres, sem cuidar dia e noite mais que na sua empreza gigantesca. Talvez de principios de 1586 são as instrucções, em francez, que deu a um seu agente, para tratar ácerca de elementos d'ella, com o conde de Leicester. Chegando-se a ajustar que D. Antonio assentasse almirantado na villa de Willemstadt; empregasse capitães e gente de qualquer nação; e podesse tomar outras providencias conducentes ao seu fim; o que se intitulava seu embaixador dirigiu ao mesmo conde um memorial, tambem em francez, pedindo que do acordo se passasse documento official, que o garantisse. (3)

A assignação que se lhe fizera de logar para estabelecer almirantado, parece que o envolvêra em grandes negocios. Em 12 de maio (1586) mal pôde escrever uma carta a Don Salomon, residente em Paris, deputando-lhe Antonio de Escovar, para lhe dar conta de certas transacções. Pedia-lhe tambem o emprestimo de dez mil escudos, parte em dinheiro, e parte em armas e munições, que pagaria com o respectivo juro, e no caso de não ser feliz, restituiria por conta de seus bens. (4)

(1) *State papers office* (Portugal) maç. 1 A, 89 — *Quad. elem.* XVI, 193.
(2) *Briefve*, etc. 39 — *Quad. elem.* III, 509.
(3) Mss do Museu britannico, *bibl. Cotton.* Nero, B, I, f. 266 — Galba C, X, f. 219 — Figanière, *Catalogo*, 98 e 107 — *Quad. elem.* XVI, 194.
(4) *State papers office*, m. 21 (Hespanha) — *Quad. elem.* XVI, 197. Aqui se diz que esta carta é *datada de Santarem*. Como póde isto ser? Parece-nos que houve erro n'esta parte do extracto do documento.

Por aquelle tempo correu em Hespanha que para concluir uns ajustes com Isabel de Inglaterra, negociados por intervenção hollandeza, Filippe II impunha, como condição essencial, obrigar-se a rainha a mandar-lhe entregar D. Antonio. (1) Que o dito tivesse fundamento não admira, porque o dominador da peninsula não descançava para colher ás mãos o prior do Crato; porém, honra seja feita á independencia ingleza, não pôde conseguil-o.

Mas Castella não allivia a compressão que exerce sobre o partido de D. Antonio. Os que são denunciados ou suspeitos de seus addictos não tem quartel em Portugal. Restam d'isso muitos documentos. Entre elles ha uma denuncia em hespanhol, dirigida a D. Alvaro de Bazan, marquez de Santa-Cruz, governador de Portugal, advertindo-o de que em breve devia chegar de Bristol a Lisboa um navio, em que vinha ostensivamente como agente commercial um individuo chamado Richard Grant, suspeito de ter sido encarregado de colligir occultamente noticias ácerca de Portugal, para as levar á Inglaterra e a D. Antonio. Em consequencia d'isto uma ordem, que ainda existe, tambem em hespanhol, transmittida ao licenciado Martim de Aranda, auditor geral da gente de guerra em Portugal, manda que o mesmo Grant seja apprehendido, logo que chegue, e lhe dêem tratos se não quizer confessar a verdade. (2)

Simuladas propostas de conciliação e vistas traiçoeiras da parte de Filippe nunca afrouxavam. Se um convite á rainha de Inglaterra, para extradicção do pretendente portuguez, não produz effeito; tenta negociações que attrahiam e levem o prior a ceder á sua idéa; e se ellas falham, como sempre tiveram por sorte, ou natural pendor (porque talvez nunca fossem calculadas senão para fascinar e colher ás mãos D. Antonio), então despede emissarios, de que nunca lhe faltou bom provimento, e manda-os ultimar contendas á ponta de punhal.

Parece que depois de mallograda a condição que queria impor á Inglaterra na negociação de que fôra medianeira a Hollanda, Filippe II fingira (?) querer attrahir o prior do Crato, propondo ou dispondo-se a um acordo entre ambos, tratado por via d'alguns portuguezes do partido do proscripto. (3) No entanto esta tentativa ainda foi inutil.

Porque a desconfiança que havia de parte a parte tornava summamente difficil e instavel qualquer concerto, novo appêllo a expedientes secretos e criminosos! Bernardino de Mendonça, embaixador de Castella em Inglaterra, recorre a conspiradores, e excita-os a vingança sanguinaria. Não parece esperar nada da suavidade e da persuasão, e para livrar o amo dos seus maiores pesadelos, lança-se sem hesitação n'um caminho tortuoso e desleal.

Em 22 de julho, não contente com persuadir aos conjurados inglezes, que apenas tenham morto a rainha Isabel, prendam ou assassinem Cecil, Walsingham, Hundsor, e outros ministros, vae até incital-os a que segurem logo D. Antonio, que alli, em Inglaterra, residia. (4)

A complicação dos negocios internos do reino desvanecia cada vez mais a esperança que o prior podia a principio ter posto no soccorro inglez. O estado a que chegára, mais seu filho D. Manoel, era extremo. Em 24 de setembro Ruy Lopes escreve ao conde

(1) Carta do embaixador francez em Madrid, datada de 25 de março 1586, mss. da bibl. nac. de Paris, *fonds d'Harlay*, cod. 228 81 — d 19. — *Quad. elem.* XVI, 195.
(2) Mss. do Museu britannico, *bibl. Cotton.* Nero B, VI, f. 441. — Figanière, *Catalogo*, 102. diz que nos documentos está a declaração de que são « de 28 de maio de 1586 » e que Grant viria « de Bristol a Lisboa. » — O *Quad. elem.*, XVI, 195-196, dá-lhes a data de « An. 1586 Maio 23 » e diz que Grant viria « do Brasil a Lisboa. » Seriam lapsos do ultimo?
(3) Officio do embaixador francez em Madrid de 23 d'agosto 1586, bibl. nac. de Paris, cod. 228-8, doc. 50. — *Quad. elem.* IV, parte 1.ª, CL.
(4) Archivos de França, papeis de Simancas, serie B, m. 57, n.º 73. Cita-os Mignet na *Histoire de Marie Stuart*, II, 288. — *Quad. elem.* XVI, 196.

de Leicester uma carta, em italiano, expondo-lhe aquella situação desgraçada, que obrigaria o prior a deixar a Inglaterra no caso de não obter algum soccorro. Confessa que D. Manoel tinha sido mui bem recebido pela rainha, estando penhoradissimo por esse bom tratamento, e pelos muitos obsequios que a elle conde devia; mas a grande pobreza em que na corte vivia el-rei (D. Antonio) e a demora que a rainha punha em resolver-se, o determinavam a retirar-se, falto como estava de recursos, tendo já o mesmo Ruy Lopes dispendido com elle o pouco que possuia. (¹)

Ao passo que as complicações da casa do prior chegavam a isto, a impaciencia do rei catholico não estava disposta a serenar, senão á vista da certidão de obito do seu perseverante competidor. Um portuguez, por nome Miguel Vaz, ao que parece espião, mui pratico nos designios secretos de Filippe, e mui dedicado ao seu serviço, fôra despachado para Inglaterra com o fim de envenenar D. Antonio. O receio que elle inspirava na peninsula ao partido hespanhol, se mal se compadecia com os poucos meios de operar que então tinha, nem por isso deixava de ser grande. Temiam vel-o a cada passo desembarcar nas praias de Portugal, conduzido por navios inglezes, e favorecido pela Inglaterra. Sobretudo se sobrevivesse a Filippe, o descontentamento portuguez podia por essa occasião expandir-se, abrir-lhe os braços, e expulsar os intrusos. Estas considerações deviam actuar no animo do propinador Miguel Vaz para, se podesse, não hesitar em commetter o crime. Foi por isso que a noticia, que d'este designio deram ao embaixador francez em Madrid, lhe pareceu de tal importancia, que a communicou logo em despacho de 23 de setembro a Henrique III, antevendo que este rei acharia justo advertir D. Antonio do risco que corria; e conveniente preparar-se para cerrar ouvidos a proposições de Filippe, que de certo tramava alguma cousa. (¹)

A tentativa de extradicção, que tinha de renovar-se no anno seguinte; o supposto acordo; o projecto de envenenamento; nada produziram que satisfizesse o odio ou o capricho de Filippe II. O rasto de Miguel Vaz perde-se, e o prior sobrevive. As suas queixas, a disposição em que está de deixar a Inglaterra, parecem chamar em fim a attenção da rainha, e é por ventura d'ahi que vem a idéa de combinar com o rei de Marrocos auxilios á causa do pretendente, e dirigir Drake contra a Madeira e outras ilhas.

É assim que termina o anno 1586, e começa o de 1587.

(Continúa).

(¹) Museu britannico, *bibl. Cotton*. Nero B, I, f. 267 bis. — Figanière, *Catalogo*, 98. — *Quad. elem.* XVI, 198.

(¹) Bibl. nac. de Paris, *fonds d'Harlay*, cod. 228-8, d. 62. — *Quad. elem.* IV, parte 1.ª CLI — XVI, 198.



Alexandria.

Alexandria, a *Skanderieh* ou *Scanderia* dos arabes e turcos, cidade do Egypto, uma das mais antigas e famosas do mundo, está situada em uma lingua de terra que separa o Mediterraneo do antigo lago Mareotis, a 182 kilometros (36 legoas e meia) ao NO do Cairo, em 27° 35′ longitude E., e 31° 11′ latitude N.

Fundada por Alexandre o Grande no anno 332 antes de Jesus Christo, Alexandria foi durante muitos annos a séde da monarchia dos Ptolomeus, que a elevaram ao mais alto grão de esplendor, chegando a contar no seu recinto mais de 900:000 habitantes.

A um dos principes d'esta dynastia, Ptolomeu Sotero, (¹) deveu Alexandria a fundação de uma academia e da magnifica bibliotheca, composta de mais de 700:000 volumes, a qual, depois de muitas vicissitudes, foi consumida pelo fogo por ordem de Omar.

(¹) Veja o artigo ácerca de Ptolomeu Sotero, publicado a paginas 83 d'este volume.

Alexandria era cingida de fortes muralhas, flanqueadas de torres quadradas, distantes duzentos passos umas das outras.

Muitos monumentos a aformoseavam e ennobreciam, de modo que geographos e viajantes lhe davam, n'este sentido, o segundo logar depois de Roma, que excedia aliás em importancia commercial.

Entre esses monumentos apontavam-se como mais dignos de notar-se o magestoso pharol, que estava collocado em uma ilhota ligada á terra por um molhe de 1:300 metros proximamente; palacios sumptuosos, merecendo entre elles particular menção o palacio de Cleopatra; o templo de Serapis, todo de soberbos marmores; a bibliotheca a que já alludimos; um vasto hippodromo, muitos obeliscos e columnas.

De todos elles o que existe, para assim dizer, intacto é a columna de Pompeu, mandada erigir por Julio César em memoria do triumpho que alcançára

sobre aquelle seu illustre adversario; é de granito, e inteiriça, medindo em altura cem pés (afóra a base e o capitel), e vinte e um de diametro.

Do celebrado pharol, que recebeu dos antigos a mais subida qualificação, sendo contado entre as sete maravilhas do mundo, nem o mais remoto vestigio existe sequer!

Alexandria tem dois portos: o porto velho e o porto novo, e communica com o Cairo por um canal que desemboca no braço mais occidental do Nilo.

O caracter dos antigos habitadores de Alexandria era havido por mui turbulento, soffrendo sempre impacientes o jugo de quem quer que pretendesse dominal-os. Cesar, no anno 47 antes de Jesus Christo, alli teve de castigar uma insurreição terrivel; os imperadores não foram mais benignos com a inquieta povoação. Tomou-a em 611 Chosróes II, rei da Persia; mas seu filho a restituiu aos imperadores.

Commandados por Amrou, logar-tenente de Omar, os arabes apoderaram-se, em 641, de Alexandria, destruindo por essa occasião, com vandalico furor, os mais preciosos edificios.

Em poder dos musulmanos se ha conservado até hoje, com pequenos intervallos.

Tomada pelos francezes em 1798, em seu poder a mantiveram até 1801, occupando-a então os inglezes, que n'ella dominaram perto de tres annos.

Decrescendo rapida e constantemente, Alexandria chegou a não contar mais de 16:000 habitantes. O illustre Mohammed-Ali a levantou do extremo abatimento em que tinha caido. Alexandria conta hoje perto de 100:000 habitantes, e se já não póde mostrar com ufania aos forasteiros os monumentos que em outro tempo a tornaram tão famosa, ao menos procura, pela actividade e energia do seu trafico, reconquistar a antiga importancia politica e mercantil.

Alexandria foi patria do celebre mathematico Euclides, de Origenes, bem conhecido theologo do seculo III, e de Appiano, o historiador, além de muitos outros homens por diversos titulos recommendaveis.

VIAGENS

EXPLORAÇÕES NA AFRICA CENTRAL.

(Continuado de pag. 67).

A população da Africa meridional, e em particular a do Fezzan e a dos oasis, pertence á grande familia berebere, que provém da união de individuos da raça semitica com as tribus indigenas. O seu estabelecimento remonta a epocha de que não ha memoria. Libyos, numidas, mouros, getulos, todos estes povos da antiguidade são bereberes: vieram os arabes; anniquilaram uns, alliaram-se com os outros, e impozeram as suas crenças á maior parte. Tal revolução verificou-se por meado do seculo XI da nossa era.

Entre os vencidos bereberes, que a conquista arabe como que repellira diante de si, achavam-se numerosas tribus, que hoje dão a lei no deserto, e que designâmos pelo nome de tarki ou tawareks.

Não é esta denominação, que appareceu pela primeira vez nos historiadores arabes de ha trezentos ou quatrocentos annos, aquella por que estes homens se distinguem. Conservam elles o primitivo nome de mazighs ou amazighs, sob o qual os antigos os conheciam. A palavra *tawarek* parece significar *apostata*, alludindo talvez a terem renegado a religião christã.

Os tawareks são musulmanos fanaticos e pouco instruidos. Todos os seus conhecimentos religiosos resumem-se na seguinte profissão de fé: «Ha um Deus, e Mahomet é o seu propheta.» Do christianismo conservam os vocabulos *Mesi* (Messias) e *angelus*, com a significação de *anjo*. As suas crenças estão travadas ás superstições da primeira edade. Além do nome de Messias dão a Deus um outro que faz lembrar o Ammon egypcio; e Barth topou no deserto com esculpturas vetustissimas, que pela especie do desenho parecem revelar relações, se não de raça, de contacto ao menos com o antigo Egypto.

Dividem-se e sub-dividem-se os tawareks em um numero incrivel de tribus e de secções, que se consideram mais ou menos nobres, conforme se apresentam mais ou menos puras de mescla com as raças negras. As mais illustres e poderosas são a dos askars, rica de formosas mulheres, e a dos imoshaghs que, assim como os spartanos empregavam em seu serviço os laconios, subsistem unicamente do trabalho dos seus escravos, e do tributo que recebem das caravanas desde tempos anteriores a Leão o Africano. A raça poderosa dos kelowi, que domina em Aïr ou Asben, tem de particular ser inteiramente sedentaria, o que é indicado na lingua berebere pela syllaba prefixa *kel*. Conservam os azkars e os kelowis um costume mui singular, de que se encontram todavia vestigios em certos povos da antiguidade: é a transmissão do poder, não de pae a filho, mas do pae para o filho da irmã.

Tacito refere-nos que os germanos consideravam as relações que prendem o sobrinho ao tio materno quasi tão sagradas como as que ligam o pae ao filho, e que até em certos casos preferiam o sobrinho. Tal preferencia comtudo não chegava ao ponto de substituir este áquelle nas successões. Hoje, na costa de Malabar, está em pratica este systema extravagante de successão.

Montados em seus velozes camelos (*méheris*) os tawareks percorrem o deserto em todas as direcções; uns entregam-se ao commercio, os outros põem em contribuição as caravanas: os chefes obrigam os mercadores a pagar pela passagem do seu territorio um tributo, que muitas vezes os não preserva todavia de exacções, de roubos e até de assassinatos. Assim uma pequena caravana do povo de Tebus, que estanceia na parte mais oriental do deserto, foi assassinada nos arredores de Asiu, pouco tempo depois de passarem o doutor Barth e seus companheiros; exasperados os tawareks hadanaras por não poderem extorquir cousa alguma aos europeus, lançaram-se sobre os infelizes tebus, e mataram-nos, apoderando-se de dez camelos, e de uns trinta escravos que levavam comsigo. De resto as depredações dos tawareks não se limitam ao deserto; as suas correrias alcançam até ao coração do Soudan: o estado de Kanem, situado na margem septentrional do Tsad, está mais particularmente exposto aos seus exicios. No proprio deserto é raro quando procedem á viva força: em geral introduzem-se n'uma caravana, e promovem alli discordias, aproveitando-se da desordem para a seu salvo roubarem. As suas armas são a lança, a espada, e enormes escudos de pelle de antilope em fórma de quadrilongo: a maior parte possuem tambem espingardas inglezas; mas para muitos, á falta de polvora, as espingardas são mais um enfeite do que uma arma. A ampla tunica de que usam, o pedaço de panno com que tapam a parte inferior do rosto, e o costume que tem de rapar metade da cabeça contribuem para tornar o seu semblante mais fero. Este ultimo uso parece-nos revelar nova affinidade entre os tawareks e os maxues de Herodoto, que tambem rapavam uma parte da cabeça. Tal era o povo entre o qual os tres europeus estavam condemnados a viver por espaço de alguns mezes: bagagens, armas, pesados caixões contendo instrumentos, biscouto, objectos que só a elles podiam aproveitar, mas que sup-

punham prenhes de thesouros, excitavam a geral cubiça, e era-lhes mister uma coragem, uma paciencia illimitada e uma infatigavel vigilancia para escapar aos ardis, e vencer a má vontade dos seus companheiros ou criados, de todos os salteadores e fanaticos que os cercavam.

De dia, em quanto a caravana, estendida n'uma comprida fileira de camelos, marchava vagarosamente, os viajantes, ora na frente, ora na retaguarda, corriam em suas altas cavalgaduras onde quer que algum objecto attrahia a sua curiosidade; Owerweg estudava a natureza dos terrenos, marnes, grés ou calcareos. Richardson inspeccionava as bagagens, vigiando com especial sollicitude o escaler, cujas peças desmontadas se balançavam no dorso dos camelos; Barth, conversando com os mais intelligentes e menos malvados dos seus companheiros, procurava obter algum esclarecimento sobre o seu idioma e historia, e ou colligia os elementos para desfiar a ethnologia obscura d'estas regiões, ou parava para desenhar algum sitio pittoresco. Á noite levantavam as barracas ao pé de um poço, ou de uma d'essas amplas furnas, que o tempo e os vendavaes abriram, tanques naturaes em que as aguas pluviaes se conservam claras e transparentes; a refeição consistia em tamaras, figos, um pouco de arroz ou farinha, a massa agradavel e refrigerante a que chamam *zununita*, e alguma ave morta ao pé do poço. Os tinylkum, que são devotos musulmanos, rezavam então em côro, e em melodioso compasso, entremeando a oração ora de energicas exclamaçõoes, ora de uma especie de lamentos suaves e melancholicos. Pouco a pouco cessava todo o arruido; mas nem quando o silencio tomára posse do deserto era chegado para os europeus o momento do repouso: nas passagens perigosas, era-lhes mister olhar já pela segurança da pequena comitiva, já pela dos animaes de carga e das bagagens. Além d'isto, ainda que a marcha durante o dia tivesse sido difficil ou perigosa, e o calor de abrazar, ainda que sobreviesse a noite fresca e mesmo fria, como frequentes vezes acontece no deserto, havia uma tarefa, de que o viajante que sobreviveu parece não se ter nunca descuidado; e consistia em resumir os trabalhos do dia, pondo em ordem e redigindo as notas a que devemos a relação, ou antes o sabio, claro e exacto diario d'esta grande viagem.

Á estrada de Murzuk a Ghat corta o deserto quasi em linha recta de léste a oeste. Á meio caminho entre aquelles dois pontos erguem-se, em um sitio chamado Telisaghé, grandes pedaços de grés, nos quaes se vêem desenhos profundamente gravados. O maior de todos representa um grupo de tres personagens: á esquerda um homem com cabeça de touro e enormes cornos; em vez de braço direito tem uma especie de remo; na mão esquerda segura uma flecha e um arco ou um escudo; do corpo esguio pende-lhe uma comprida cauda. Está inclinado para diante, e todos os seus movimentos revelam certa vivacidade. Em frente d'esta exotica figura depara-se outra mais pequena, mas não menos notavel: homem até aos hombros, na cabeça faz lembrar a do Ibis egypcio, sem comtudo lhe ser identico. Esta pequena cabeça aguçada tem duas orelhas e uma especie de capuz. A mão direita segura um arco; o braço esquerdo está dobrado sobre o corpo. Entre estes dois animaes semi-humanos, dispostos de um modo hostil, está um vitello, cujas pernas, toscamente desenhadas, acabam em ponta. Outro pedaço, que não tem menos de doze pés de comprido sobre cinco de alto, representa uma manada de bois nas posições mais variadas: outros pedaços representam tambem bois, cavallos e burros. Ao tempo dos romanos não podem estas esculpturas referir-se: ellas recordam antes a arte egypcia. Em todo o caso confirmam um facto curioso, já indicado por uma passagem de Santo Agostinho: *Os reis dos garamantes comprazem-se em fazer uso dos touros*. Entre tantos animaes representados n'estas esculpturas não se vê um só camelo: é que o camelo foi uma acquisição relativamente recente para o deserto.

Para além do logar em que se admiram estas interessantes esculpturas, o caminho tomado pela caravana seguia sobre uma chã delimitada por penedias perpendiculares de fórma phantastica; atravessava depois uma planicie arida e coberta de calhaos; depois entranhava-se em uma região de altas montanhas, cujas summidades, caprichosamente denteadas, apresentavam fórmas extravagantes e pittorescas. Uma d'ellas, o monte Idinen, afigura-se de longe um immenso castello, ladeado de torres, e cingido de altas muralhas: excitou a imaginação dos indigenas, que o crêem levantado por genios, e que lhe chamam o palacio dos demonios. Barth, esperando encontrar alli esculpturas ou inscripções, resolveu ir visitar o castello encantado. Os tawareks procuraram dissuadil-o, e nenhum quiz servir-lhe de guia: nem por isso desistiu do seu proposito, e depois de se informar do caminho que a caravana devia seguir, e da direcção em que se achava o poço, perto do qual devia acampar, partiu sósinho, munido de alguma agua e biscouto.

(*Continúa*).

BRAZÃO D'ARMAS DA VILLA DA CERTÃ.

N'esse tempo em que as aguias romanas estendiam as suas azas desde as praias do Atlantico até ás margens do Euphrates, submettendo tantas nacionalidades, tantos milhões de homens ao dominio da orgulhosa Roma, era este nosso solo um theatro de continuas proezas e heroicidades.

Em nenhuma outra região, como na Lusitania, as armas victoriosas da republica e do imperio encontraram tão porfiosa resistencia, tão invencivel barreira. (¹) Sem organisação militar, sem sciencia da guerra, sem as machinas de destruição, que duplicavam as forças dos seus inimigos, os lusitanos, barbaros, mas cheios d'amor de patria, levavam de vencida os exercitos romanos.

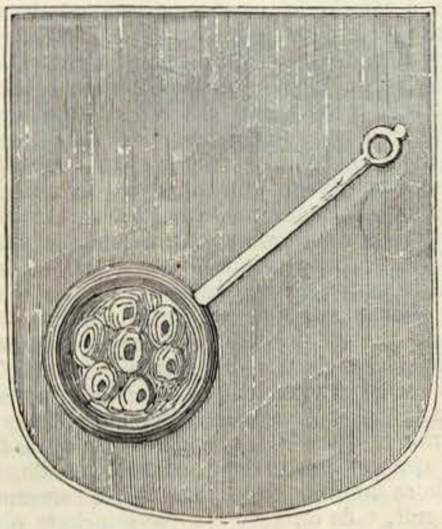
Roma triumphou alfim da bravura e corajosa dedicação, com que os lusitanos defenderam por tantos annos a sua liberdade, e a independencia do paiz. Porém essa victoria comprou-a a troco de immensos sacrificios. A Lusitania foi constrangida a receber as colonias romanas, as suas cidades viram-se forçadas a trocar o seu nome nacional pelo dos imperadores, as leis do imperio foram-lhe impostas como suas proprias. A patria dos Viriatos succumbiu ao immenso poder da dominadora do mundo; mas o seu solo foi um immenso sepulchro, onde se vieram sumir umas após outras legiões inteiras de soldados romanos com muitos dos seus mais distinctos generaes.

Foi durante essa lucta sem treguas, que uma legião romana veiu pôr cêrco á nova povoação, que Sertorio fundára havia pouco (74 annos antes de Christo), pondo-lhe por nome *Certago*.

Sertorio era então um dos mais terriveis e irreconciliaveis inimigos do poder de Roma. Desterrado d'esta capital por ter tomado o partido de Cinna na guerra civil, que dilacerava a republica romana, refugiára-se na Lusitania, e tomando-a por sua patria adoptiva, arvorára-se em chefe dos seus novos irmãos.

(¹) Vasaea no seu tomo 1.°, cap. 12, fallando da Lusitania, diz: *Tantus metus romanos omnes invasit, ut nemo inveniretur, qui vel tribunus, vel legatus, ire in eam provinciam vellet.*

Intrepido, activo e perseverante, versado na sciencia da guerra, conhecedor da politica do governo de Roma, e bom avaliador da capacidade dos generaes da republica, era Sertorio o chefe que os lusitanos



Brazão d'armas da villa da Certã.

precisavam, o chefe que mais podiam desejar para ancora da sua independencia, e seguro guia nas sendas escabrosas da victoria. Ao seu mando obravam prodigios de valor, e cada batalha era um novo triumpho, que vinha enramar de novos louros a fronte do ousado capitão.

Assim pois, quando os soldados romanos deram o assalto ás muralhas de Certago, accommettiam como tigres, que procuravam cevar-se no sangue das suas victimas. Pelejavam com tanto furor, como quem se sentia aguilhoar pela sêde da vingança. Sertorio não estava alli, é verdade, mas estava a sua obra, que se levantava arrogante toda eriçada de ameias, e flanqueada de torres. Estava a cidade, que commemorava o seu nome tão odioso aos romanos. Era pois mister a inimigos tão figadaes destruir inteiramente aquellas altivas muralhas, arrancar, confundir com o pó a povoação que em si guardavam. Tal era o proposito do general sitiador; tal era tambem o pensamento que occupava a todos os seus soldados.

A defesa da praça correspondia bem á aggressão dos inimigos. Se esta era furiosa, aquella era desesperada. A carnificina não podia ser mais horrivel, porém os romanos viam-se rechaçados em toda a parte.

Cançados já de uma lucta tão obstinada, vendo as suas fileiras tão rareadas, principiava-lhes a desfallecer o animo, quando um de seus camaradas teve a fortuna de matar o principal defensor de uma das portas da praça.

Ou porque os sitiadores ganhassem com este successo novo animo e maior esforço, ou porque os sitiados fraquejassem vendo cair morto um dos seus mais distinctos cabos de guerra, a porta cedeu aos impulsos dos inimigos, que se precipitaram por ahi dentro como a torrente despenhada do alto da serra.

Victoria! bradaram os romanos, a praça é nossa! E com effeito assim o parecia; mas a Providencia ainda não tinha abandonado os lusitanos.

O primeiro troço de gente, que se arremessára pela porta da fortaleza, estacára no meio do estreito e escuro corredor, que por baixo de uma grossa torre dava ingresso para o interior da praça. Não ficariam mais immoveis, se arte diabolica os tivesse de subito petrificado. Pois não houve alli outro condão mais do que o esforço varonil de uma mulher.

Celinda, a desditosa esposa do illustre guerreiro, cuja morte tanto alento accendêra no peito dos inimigos, apenas soube o seu infortunio, correu como louca, não a derramar pranto sobre o cadaver do consorte, mas a vingal-o derramando o sangue dos seus assassinos.

A heroina não leva outra arma além de uma certã cheia de azeite a ferver; porém crê-se forte, e bem armada, porque lhe referve n'alma a raiva e o desejo de vingar-se. E com tanto furor saíu ao encontro dos inimigos; accommetteu-os tão d'improviso, lançando o azeite fervente ao rosto dos que iam na dianteira; com tal denodo manejou a certã, em quanto elles, tomados do sobresalto, nem se atreviam a avançar, nem pela estreiteza do espaço podiam deixar passar os companheiros, que atraz os seguiam, que pôde conseguir detel-os alli o tempo preciso para chegar soccorro, com que os invasores foram expulsos, e a porta outra vez fechada e defendida.

Passados poucos dias levantaram os romanos o seu arraial, e retiraram-se cheios de vergonha, vencidos por uma mulher.

Em honra de tão extremado feito tomou aquella povoação por seu brazão d'armas um escudo com a *certã*, que tão grande maravilha operou, e em torno esta letra — *Certago sternit certagine hostes.* Com a certã destruiu Certago aos seus inimigos.

Esta nobre e antiquissima povoação é hoje a villa da Certã, situada entre duas aprasiveis ribeiras, sete legoas ao nascente da cidade de Thomar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Quem tem viajado por muitos paizes, facilmente observa que cada povo tem certo cheiro que lhe é peculiar. Pelo olfato se distinguem sem custo os negros, malaios, chins, tartaros, thibetanos, indios, arabes e outras nações. Parece que o proprio solo habitado por cada raça emana exhalações especiaes, e que melhor se apreciam de manhã percorrendo os campos e as cidades. Quando de novo se chega a qualquer paiz, mais distinctamente isto se percebe; mas com a demora os sentidos acostumam-se, e por fim nenhuma differença se percebe.

Os chins dizem que os europeus tem um cheiro especial, porém menos pronunciado do que outros povos com quem elles tratam. Alguns missionarios viajando no interior da China, por vezes tem corrido perigo de serem descobertos pelo continuo latir dos cães, cujo apurado olfato os reconhece como estrangeiros, apesar de disfarçados com o vestuario nacional. C.

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4, B.